

COMBATE

A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES

TRABALHADORES DA S.C. DE CERVEJAS SOLIDÁRIOS COM UM CAMARADA PRESO

Custoias, 31 Jan. 76

Caros camaradas:

Fiquei bastante emocionado ao ver uns quantos à entrada do portão, sem que pudesse abraçá-los a todos. Se vocês estão comigo, eu estou convosco. E muito especialmente neste dia, em que se comemora o primeiro aniversário da luta da Sociedade Central de Cervejas, luta esta que sem dar nas vistas foi uma luta exemplar. Luta mais política do que salarial, foi alcançada para que cessassem as injustiças, as arbitrariedades e as prepotências. Os trabalhadores tinham uma palavra, ou melhor, todo um longo discurso a dizer -- e disseram-no.

C dia 31 de Janeiro de 1975 foi o meu 25 de Abril, sempre c'ásse. Aprendi

di muito nesse dia. O suficiente para estar hoje aqui em Custoias, privado da liberdade. Mas não estou arrependido, antes pelo contrário.

Os interesses dos trabalhadores são todos os mesmos. Tomava eu que todos compreendessem esta verdade e uns quantos não fizessem obviamente o jogo do inimigo.

UNIDOS VENCEREMOS!

A LUTA CONTINUA, A VITÓRIA É CERTA!

Um grande abraço do amigo e camarada,

Francisco Barão da Cunha

(Preso político à ordem do C. R. detido em Custoias com o n.º 302)

Publicamos aqui uma carta escrita na cadeia militar de Custoias por um trabalhador da Sociedade Central de Cervejas, que lá se encontra preso devido aos acontecimentos do 25 de Novembro, e a resposta a essa carta, assinada por 79 trabalhadores da SCC.

Estas cartas revelam como muitos trabalhadores ainda esperam que um "salvador" ou um grupo de "salvadoras" libertem os trabalhadores e iniciem a construção do comunismo. Não foi Otelo em 25 de Novembro, mas esperam que seja mais tarde qualquer outro Otelo...

As lutas em Portugal não se desenvolveram ainda suficientemente, especialmente a unificação autónoma das lutas foi quase nula, o que fez que grande parte dos trabalhadores não assumisse consciência de que a construção do comunismo se faz por eles próprios, na luta que cada dia travam não só dentro de cada empresa, mas na luta directa contra o aparelho de Estado quando as várias lutas particulares começam a unificar-se.

Não bastou aos trabalhadores portugueses ver que os militares do 25 de Abril não foram os salvadores, não chegou per o que foi o 25 de Novembro e o comportamento dos chamados "líderes da esquerda" que ainda restavam! Isto mostra, como tantas vezes temos dito neste jornal, que só na prática de luta os trabalhadores ganham consciência de que eles próprios podem construir, e como são diferentes as instituições que criam nessa prática directa -- instituições onde as decisões são tomadas em democracia directa.

Por outro lado, estas cartas revelam uma estreita solidariedade entre os trabalhadores, arrostando com as ameaças da repressão ou até com a repressão efectiva. O desenvolvimento dessa solidariedade é precisamente um dos elementos que permitirá a expansão de uma luta autónoma que há-de varrer todos os dirigentes e candidatos a dirigentes.

Francisco Barão da Cunha, camarada e amigo:

Faz hoje precisamente um ano que na Sociedade Central de Cervejas os trabalhadores iniciaram uma luta que permitiu desmontar uma das organizações mais exploradoras e simultaneamente mais tenebrosas do capitalismo português, com ramificações no Brasil, em Angola, na Guiné, em Moçambique e ainda em muitos outros países.

Nesse dia trabalhavas tu connosco. Os trabalhadores pediram-te a tua ajuda. Tu disseste que sim e cumpriste tranquilamente a tua missão. Como alguém disse, foste o homem certo no lugar certo.

Os trabalhadores da Sociedade Central de Cervejas que te enviam esta mensagem não esquecem isso.

Não esquecem também que alguns meses mais tarde pedias uma licença sem vencimento para irês para o Copcon. Mais uma vez o sentido do dever a comandar as tuas acções. Tu querias ajudar Otelo e outros Comandos do MFA a colocar as armas ao lado do Povo, SEMPRE, SEMPRE AO LADO DO POVO.

Hoje, tu, Otelo e outros oficiais, sargentos e soldados, outros filhos do povo estão presos. O povo sabe que essas prisões nada têm a ver com a sua vontade. O povo já voltou a ver as armas apontadas contra o povo. A GNR já atirou a matar em Custoias. A pequenita Isabel Metelo não esquecerá, por mais notícias falsas que sejam publicadas. Os Comandos já atiraram a matar em Ca-

(cont. na pag. 2)

Escrevíamos no último número: "Voltamos tão cedo aos 'brancos costumes'?" Cada dia que passa o capitalismo de Estado melior revela a sua face hedionda e repressiva.

A repressão contra os estrangeiros revolucionários, ou meros progressistas, é um elemento desse saneamento das instituições, do regresso à "normalidade" capitalista. Tentamos no editorial deste número analisar alguns aspectos do internacionalismo proletário.

ESTRANGEIROS EM PORTUGAL

turismo para uns porrada para outros

Vamos agora dar a palavra a um camarada canadiano, jornalista, atacado e espancado por polícias que a profissão transformou em sádicos imbecis. Ele narrará depois outros casos de selvajaria contra estrangeiros -- claro que não os que se uicjam nos hotéis de luxo, mas contra os que mostram a sua simpatia pela luta proletária, ou nela participam militantemente.

Ao longo destas declarações podemos apereber, por detrás da brutalidade livremente desencadeada dos meros agentes da polícia ou de certos soldados, para além da sua estupidez e das suas obsessões, o cérebro frio dos governantes, da burguesia e dos capitalistas de Estado, que sabem planificar o ódio e combiná-lo com a oferta de instituições burocráticas de massas -- para que tudo volte aos "brandos costumes".

Ao perseguir os estrangeiros revolucionários, a classe dominante aponta, o fundo, a única via por que a nossa luta pode continuar: o internacionalismo proletário.

Era noite. Acabava de sair do metro, ia para casa, e o caminho mais curto é através do parque da Gulbenkian. Costumo fazer este caminho todos os dias. Acho que os portões se fecham às 7 da noite, quando os portões estão fechados, salto o muro e atravesso. O parque estava sempre vazio; só alguns casais, ocasionalmente. Nessa noite saltei o muro, como de costume. Eram mais ou menos 11.15 da noite. Quando estava em cima do muro vi dois guardas de pé. Não estava a fazer nada de mal, nem tinha nenhuma razão para ter medo deles, por isso continuei a andar. Quando os ouvi caminharem na minha direcção, tiraram as pistolas: Boa noite... Perguntaram o que estava a fazer, e eu disse que ia para casa, que morava na av. Elias Garcia. Pediram-me a identificação. Eu tinha o meu cartão de jornalista, mas não o passaporte. Dei-lhes o cartão de jornalista e perguntaram o que era aquilo.

(cont. na pag. 4)

COMBATE

pag. 2 13/2/76

Publicamos dois pequenos artigos extraídos de Voz do Torrão, boletim da Comissão de Moradores do bairro do Torrão (zona do Porto). Trata-se do nº 1, com data de Janeiro deste ano.

VOZ DO TORRÃO

A comissão não para

Tem havido inúmeras manobras para fazer voltar atrás a Comissão de Moradores do Torrão. Começaram essas manobras a ser feitas pelos caciques da terra, que com o seu saber matreiro e a própria ruindade que possuem tentavam chamar a si os elementos mais activos da comissão, para depois mais facilmente poderem destruí-los restantes. Mas toda a comissão estava atenta e nada foi possível para eles, porque encontraram homens firmes e dispostos a lutar.

Tentando eles mais uma vez fazer crer às pessoas que nada se fazia, nem casas nem caminhos nem coisa alguma, di-

zendo que a comissão era só canalha e homens sem respeito. Enfim, toda a espécie de calúnias e mentiras, pois esses senhores é que são os bons e agora tudo fariam, mas na realidade quando o puderam fazer, nada fizeram senão encher os seus bolsos.

Mais uma vez tentando destruir a comissão lembraram-se de se inscrever no SAAL/Norte. Pensando ser fácil, como nos seus velhos e saudosos tempos, fizeram-se representar o povo nas costas desse mesmo povo. Mais uma vez foram derrotados, recebendo por resposta que no Torrão já o povo tinha elegido a comissão e que era essa que o SAAL reconhecia. Não satisfeitos, desencadearam actos terroristas contra homens honestos, esperando-os na noite e chegando até a bater, e ameaçando incendiar a casa deste ou daquele.

Felizmente os homens a quem esses senhores chamam canalha não se assustam e não recuam um só milímetro, contando também com o apoio da freguesia. Pois a comissão reconhece que o tem e já o pôde provar na noite em que muita gente saiu de suas casas em auxílio dos perseguidos enfrentar os perseguidores, mostrando assim que estão dispostos a lutar ao lado da comissão de moradores.

Apela-se para a unidade de todos em geral e dizemos bem alto que sabemos o que queremos, mas só unidos o conseguiremos.

A comissão de moradores não usa demagogias

Os elementos da Comissão dos Moradores do Torrão, eleitos democraticamente em assembleia popular de base, propõem levar a cabo nesta primeira fase a construção de 10 habitações.

Os grandes senhores da terra, através de demagogias fáceis, conseguem desacreditar parte da população menos esclarecida, e então lançam os seus ferozes ataques à Comissão de Moradores. Claro que o sentido revolucionário dos elementos da comissão de moradores não cede a pressões deste tipo! Pelo contrário, sentem-se cada vez mais firmes na sua luta pelo bem-estar habitacional do povo do Torrão.

Este mesmo povo, ciente dos seus verdadeiros problemas, deve dizer não à campanha de boatos e calúnias lançadas por esses senhores, que continuam a viver à grande e à francesa, sem se preocuparem com os problemas do povo trabalhador desta terra.

S.C. DE CERVEJAS

(continuação da pag. 1)

xias. A PSP já atirou a matar no Rossio.

É por isso que nos dizemos que a tua prisão, que a prisão dos teus camaradas, é também a nossa prisão. Todos os explorados e oprimidos deste país estão ameaçados quando alguns daqueles que mais lutaram pela justiça e liberdade do povo estão presos ou são obrigados a esconder-se fora da sua casa e da sua pátria.

Vimos hoje de Lisboa ao Porto para te dar a ti, e também aos teus camaradas, um abraço de profunda amizade, a vocês, companheiros de jornada. Nem isso nos é permitido. Estranho facto este. Vocês que quiseram restituir a liberdade ao povo português estão presos e não podem falar connosco.

Sentimos isso com tristeza e não podemos deixar de apresentar o nosso protesto.

Sabemos que este povo, profundamente explorado e oprimido, terá que fazer profundos sacrifícios para se libertar definitivamente. Sabemos que os abutres espereitam e armam ciladas. Ainda na semana passada uma camarada nossa viu o seu carro destruído por uma bomba terrorista.

VOCÊS PRESOS! OS TERRORISTAS E OS DIRIGENTES FASCISTAS EM LIBERDADE!

Sabemos ainda que a vossa prisão é um pretexto para desarmar aqueles que estão com os trabalhadores. Que muitos de vocês não foram acusados de nada, a não ser de terem defendido as conquistas do povo, apesar de estarem presos há mais de dois meses, sem poderem sequer falar com os vossos advogados.

Sabemos mais.

Sabemos que comunicados elaborados a chamar-vos de "contra-revolucionários" foram subscritos por gente que um dia terá de provar ao povo que não foi da Pide. A justiça do povo será impietável porque a verdade vem sempre ao

de cima.

A hora de libertação soará. Nesse dia o povo português será mais forte. Nesse dia o povo português retomará novamente a caminhada da independência nacional.

**UNIDOS VENCEREMOS!
ATÉ À VITÓRIA FINAL!**

Custóias, 31 de Janeiro de 1976

(Seguem-se 79 assinaturas de trabalhadores da Sociedade Central de Cervejas)



el PERU

cooperativas

sua evolução e possibilidades futuras

O texto que se segue foi escrito por um trabalhador da cooperativa metalúrgica Novo Rumo, e aborda a situação actual das cooperativas.

Este texto destina-se a introduzir uma entrevista com vários trabalhadores da Novo Rumo, que publicaremos em breve.

Continuam as cooperativas o seu processo de luta, agora numa fase que pode considerar-se menos espectacular, mas nem por isso menos desgastante.

Na primeira fase, foi a luta contra os patrões que sabotavam as empresas, descapitalizando-as primeiro e abandonando-as depois, que culminou com os trabalhadores tomarem nas suas mãos, em princípio, a gestão das empresas, para que estas não encerrassem com todas as consequências até ao desemprego e, depois, para adquirirem personalidade jurídica, formando cooperativas.

Claro que foi necessária apenas a formalização legal, que permitisse efectuar transacções e assumir compromissos em nome colectivo, pois a base, ou seja, os trabalhadores cooperantes, já existia desde o tempo anterior, das comissões de trabalhadores e comissões de gestão, em que todos os futuros sócios das cooperativas já trabalhavam unidos para um fim comum.

Essa foi a fase espectacular, com notícias nos jornais e reuniões constantes nos Ministérios e outros organismos oficiais que coordenavam, ou de alguma forma intervinham, nas actividades e na evolução de todo o processo.

Passou-se então à fase actual, em que os trabalhadores ficaram ainda mais submetidos a uma constante luta, para conseguirem a sobrevivência das cooperativas numa conjuntura que lhes é francamente desfavorável.

Porque o isolamento só as faria de-

saparecer num prazo mais ou menos curto, tornou-se necessário reunir as forças comuns, quer por actividades quer por regiões, no sentido de, com o auxílio mútuo, conseguirem obter no conjunto da economia nacional o lugar que lhes pertence por direito próprio, pois têm demonstrado a sua capacidade de laboração, mesmo na época muito difícil que se atravessa.

*

Oportunamente apresentaremos uma entrevista na qual se referem algumas diligências efectuadas e medidas que preconizam para garantia da sua sobrevivência e, consequentemente, a manutenção dos postos de trabalho.

Isto é particularmente importante numa fase em que a nossa economia se encontra tão fortemente abalada e em que há tantos milhares de desempregados.

Editorial

Internacionalismo, luta comunista, organizações políticas

A prática do internacionalismo é indispensável à luta pelo comunismo.

Esta prática não se restringe à solidariedade internacional entre os trabalhadores. Tem implicações na unificação das lutas, no nível económico e da organização social. Interessa que as lutas se estendam, ultrapassando as barreiras capitalistas, para rompê-las definitivamente. Em certos casos, as lutas podem desenvolver-se muito num país, isto é chegarem a formas de organização muito avançadas, sem depender nessas primeiras fases de lutas em outros países. Formas sociais comunizantes podem ser criadas durante algum tempo em certos casos particulares, sem que a totalidade da sociedade as tenha alcançado e as tenha assim transformado de meras formas sociais em efectiva organização económica comunista. As revoluções não são feitas num só dia e os ritmos são diferentes, tanto interna como externamente. A unificação internacional entre sectores de ritmo mais avançado contribuiria para acelerar o ritmo da totalidade das lutas pelo comunismo. Muitas lutas degeneram pelo facto de, não tendo saído do âmbito nacional, não terem possibilidade de realizar economicamente as novas formas sociais comunizantes a que deram origem. É assim que, em Portugal, aquelas empresas em auto-gestão que dependiam unicamente do mercado nacional puderam aguentar-se por mais tempo, mediante a criação de circuitos extra-capitalistas que resultaram da solidariedade dos trabalhadores. Aquelas que dependiam do mercado externo nunca puderam recorrer a esses circuitos e, por isso, as formas sociais que desenvolveram ficaram muito aquém. Para o rompimento definitivo com o sistema de produção capitalista e para avançar com o comunismo, as lutas terão de se estender para fora das fronteiras e de se unificar.

*

Certos grupos de "esquerda", que protestam contra os empréstimos estrangeiros parecem ignorar a lógica do capitalismo. Se há capitalismo, é óbvio que haverá empréstimos: não existem barreiras territoriais quando se trata do reforço da economia capitalista. Por exemplo, na esfera da CEE ("mercado comum") as fronteiras de um país já não têm significado económico e vão perdendo os seus significados político e administrativo: o país é substituído por um conjunto de países, formando um bloco maior, e as barreiras alargam-se correspondentemente. Estas passam a existir demarcando os graus de desenvolvimento capitalista. Por vezes, países menos desenvolvidos podem tirar vantagens do monopólio de certas matérias-primas em relação a outros, como é o caso da OPEC (países produtores de petróleo).

As trocas de técnicos também seguem a mesma lógica. Os americanos agora para Portugal, os russos antes. A especialização de técnicos portugueses nos Estados Unidos, como parte do acordo de ajuda económica, por exemplo. E, um pouco antes, os técnicos iam aos países de Leste. São Carneiro irá sondar o terreno à China.

Quando estes mesmos grupos "de esquerda" opõem aos empréstimos externos a "independência nacional" e apontam como via de solução as relações comerciais com os países do "terceiro mundo", não esconderá isso uma intenção de tirar vantagem dessas relações? Propõem que as relações económicas sejam estabelecidas com os países menos desenvolvidos. É claro, não teríamos problemas em exercer uma "exploraçãozinha" imperialista...

*

A burguesia não poderia dar-se ao luxo de consentir a unificação entre os trabalhadores, o que significaria uma séria ameaça à sua hegemonia. A unificação das lutas dos trabalhadores é perigosa para os opressores. Daí, as barreiras territoriais que a integração económica do capitalismo ultrapassa são somente aproveitadas contra o proletariado e os revolucionários, com a intenção de contenção das suas lutas.

Para os capitalistas de todo o mundo, mesmo divididos em blocos económicos distintos, as barreiras não existem de facto. Por um lado, a integração económica é cada vez maior entre os três grandes campos imperialistas (Estados Unidos, URSS, China). Por outro, mesmo se lutam por interesses de grupo, unificam-se ante qualquer ameaça à classe capitalista. (Exemplo: em 1971, os proletários agrícolas das grandes plantações e muitos operários industriais de Ceilão revoltaram-se contra o Estado e a exploração das classes dominan-

tes. A repressão foi terrível. Os próprios governantes anunciaram em Maio de 1971 que haviam feito mais de 5.000 mortos e, em Abril do ano seguinte, declararam 11.000 prisioneiros. Países que enviaram armas e técnicos, ou fundos, com que o governo fez a repressão: Índia, Grã-Bretanha, Iugoslávia, URSS, Canadá, República Federal Alemã, República Democrática Alemã, China). Aos exploradores, serve-lhes a sua própria unificação. E os explorados têm que ser divididos.

Mantendo os proletários alheios aos problemas dos seus companheiros explorados de outras áreas, quer o capitalismo dificultar a percepção crítica por parte do proletariado da sua realidade como totalidade de classe. Pelo reforço do regionalismo faz-se com que lutas localizadas em diferentes regiões se isolem e não façam parte da totalidade. Por isso mesmo grupos regionalistas e nacionalistas são geralmente utilizados contra a unificação dos trabalhadores.

*

A burguesia faz uso do nacionalismo quando lhe convém. As fronteiras terão de se abrir para resolver os seus problemas, quando há necessidade de mão de obra, por exemplo. Então, que venham os emigrantes! Mas há as regras a serem seguidas pelos trabalhadores emigrantes. A discriminação verifica-se não só quanto ao controle exercido sobre eles, mas ainda quanto ao tipo de trabalho que lhes é reservado: serão preferencialmente os varredores de rua, apanhadores de lixo, empregados de limpeza, trabalhadores nocturnos. Aqui em Portugal são os cabo-verdianos, em Inglaterra são os indianos, africanos e também os portugueses, em França são os portugueses e os argelinos e tunisinos, na Alemanha, os turcos e iugoslavos.

Os próprios sindicatos, burocratizados e reformistas, têm a função de gerir para o capitalismo a força de trabalho, por isso aplicam um estatuto diferente ao emigrante, defendendo o direito ao trabalho dos "nacionais". Deste modo, fazem com que os trabalhadores estrangeiros sejam os primeiros a sentir o desemprego e evitam assim problemas aos capitalistas dos seus países, que podem enviar esses estrangeiros para os países de origem, bem como aos governantes de quem os desempregados estrangeiros nunca são eleitores.

No momento actual, em que a cena se deteriora, com a generalização da crise capitalista, aos capitalistas não interessa mais a mão-de-obra imigrante, pois podem fazer uso dos desempregados nacionais para as tarefas ditas "inferiores", tradicionalmente reservadas aos imigrantes. Desenvolvem-se então, paralelamente a uma política governamental de limitação da imigração, organizações de tipo nazi, apoiadas por interesses económicos, que se centram em campanhas nacionalistas contra imigrantes. O racismo, reforçado pela classe dominante, porque recai sobre os oriundos de blocos económicos menos poderosos, reflecte-se até nas atitudes da classe trabalhadora dos países mais desenvolvidos relativamente aos companheiros de trabalho imigrantes.

Os governantes estão cientes de que os mais explorados são potencialmente mais combativos e, dentro da mesma política de divisão, encontra-se a concessão de regalias para alguns e durezas para outros, à procura de aliados, neste caso os trabalhadores "nacionais".

Há vários casos em que imigrantes lançam lutas que só obtêm o apoio de trabalhadores "nacionais" quando o sucesso é certo.

*

Dentro da mesma intenção de contenção das lutas, assiste-se à repressão sobre revolucionários estrangeiros, particularmente no Portugal de hoje.

Os estrangeiros que aqui se perseguem não serão, é óbvio, encontrados no Ritz, nem possuirão casas de veraneio no Algarve. Para estes as portas estão abertas, são os "desejáveis".

À procura de uma justificativa para esta perseguição tenta-se encontrar estrangeiros em "situação ilegal": assim, numa acção de despejo nos Prazeres, deu-se preferência à prisão de um estrangeiro que assistia. O *Comércio do Porto* apoia o assassinato: "Estrangeiros indesejáveis envolvidos nos acontecimentos de Custóias". Nos meios de comunicação é necessário pintá-los como irresponsáveis e perturbadores da "ordem" -- "marginais desordeiros".

Sim, marginais ao mundo da burguesia.

*

Actualmente, as lutas dos trabalhadores parecem restringir-se mais às esferas nacionais. Se olharmos para trás na história do movimento operário vemos épocas com maior envolvimento internacional dos trabalhadores, por exemplo no século passado, ou nos princípios deste. Porque é que quando a burguesia era perfeitamente nacional e a integração inter-capitalista reduzida, havia uma maior movimentação internacionalista proletária?

(cont. na pag. 6)

TURISMO PARA UNS, PORRADA PARA OUTROS

(continuação da pag. 1)

Respondi: *é o meu cartão de jornalista, não o quero ler?* (Tive que procurar "ler" no meu dicionário de bolso.) Disseram-me que aquilo era uma merda e pediram-me o passaporte. Disse-lhes que não o tinha comigo, mas que se quisessem acompanhar-me a casa, que era apenas a alguns metros, lhes mostraria o passaporte.

Então disseram: *oh! Isto é muito sério, muito sério.* Um dos polícias era gordo, o outro era magro. O gordo, vendendo-me amigável, guardou a pistola e pediu desculpa. Mas o magro continuava a fazer perguntas, pedia-me o passaporte, dizia que o meu cartão de jornalista *é uma merda* e que, se não tivesse o passaporte, *é muito, muito sério.* Perguntou-me então o que levava nas mãos. Era um maço de jornais e outras pequenas coisas. Pegou nos jornais e, devagarinho, aproximou-se de mim e perguntou-me o que estava a fazer em Portugal. Disse que era jornalista e que morava no Canadá. O gordo: *é comunista?* Respondi: *Não, não sou comunista.* Ele disse: *Ah, bom!* apertou-me a mão e acrescentou: *amigo,*

Entretanto chegámos ao muro, perto da saída da Elias Garcia. Comecei a conversar com o polícia gordo enquanto o magro pôs os jornais em cima do muro e começou a vê-los. Examinou os jornais e um livrito de notas que eu tinha. Comecei a conversar com o gordo e perguntei-lhe se gostava do trabalho que fazia. Então ele voltou a perguntar se eu era comunista e eu disse que não. E ele disse: *Amigo.* O magro, que estava a ver os jornais, encontrou alguns "Diário de Lisboa" e disse: *Merdas, merda* e mostrou-os ao gordo. Perguntou então: *Porque é que tens todos estes jornais?* Respondi que tinha sempre muitos jornais, jornais diários. E ele disse: *Não, estes são jornais comunistas.* O "Diário de Lisboa" *é um jornal comunista.* O gordo voltou a perguntar se eu era comunista. Eu voltei a dizer que não. E ele voltou a apertar-me as mãos. Deve ter feito isto umas vinte vezes!

Perguntei-lhes se podia ir embora, e disseram que não. Perguntei-lhes se podíamos ir à esquadra, e não deram nenhuma resposta. Pegaram-me então pelo cotovelo e levaram-me para o interior do parque. Naquele momento eu não estava amedrontado; estava apreensivo por estarmos a voltar para o parque. Até aí pensava que poderia rapidamente voltar-me livre daquilo, porque não estava a fazer nada.

Enquanto entrávamos no parque, muito, muito devagar, o polícia magro mostrava-se cada vez mais zangado. Já não perguntava se eu era comunista, dizia: *é comunista, não é? Diz-me já que és um comunista, diz-me a verdade! És um comunista!* E eu: *Não, não!* Perguntou-me o que fazia em Portugal e eu disse que era um jornalista, que escrevia sobre vários assuntos -- *Aquí está o meu livro de notas.* Disse que escrevia para um jornal universitário canadiano. O gordo começou a mudar de maneiras. A princípio perguntava se eu era comunista, eu dizia que não, e ele dizia: *amigo, amigo.* Mas agora dizia: *Se fôres comunista -- apertava-me pela camisa -- se fôres comunista não tens o direito de viver.* O magro acusava-me indiscriminadamente: *é um comunista, é um espião neste país.*

Não havia maneira de fugir, não podia correr, tinha de ouvi-los a falar sempre em círculo vicioso. Não havia nada que pudesse fazer.

O magro era o mais duro, sempre a perguntar as mesmas cinco perguntas: *És um comunista? És um comunista? Então és um espião? És um comunista? És um espião?* Levaram-me para o meio do parque. Há alguns degraus que levam a uma piscina pública, com um muro alto. Levaram-me para esse muro e disseram que me sentasse. Sentei-me e começaram a interrogar-me. *Porque é que tens estes jornais? Estes jornais são comunistas! Porque é que os tens? És um espião? És um espião? Então o gordo começou a ficar agitado e apontou para dentro de uma cova, dizendo: És um comunista! Vai lá para baixo porque és um comunista! Vai lá para dentro daquela cova! Levamos-te para lá!* Cada vez ficava mais excitado e começou a bater-me na cabeça com o cassete enquanto dizia: *És um comunista. Bateu-me na cabeça três vezes. E o magro, que era o que parecia mais mesquinho, agarrou no gordo e levou-o para longe de mim. Parecia que me protegia. O magro começou então a dizer que eu era um espião, que espiava para o governo canadiano. Eu não compreendia já o que se passava.*

Começaram a jogar comigo: não se preocupavam já a fazer perguntas. Falavam tão depressa que não conseguia entendê-los. Como eu não dissesse nada, disseram: *Não sabes falar português. Então a fugir e não sabes falar português.* Depois sentaram-se e disseram: *Fala português! Fala português! Fala português!* Eu disse: *Não tenho nada a dizer. Não me fizeram nenhuma pergunta.* E eles sempre a insistir: *fala português, fala português!* O gordo começou a dizer: *É*

"Eles são duas testemunhas, você é só um" diz o major

COMBATE - como entrevistado a dois dos polícias? Que razões atribuis ao seu procedimento?

Penso que originariamente eram pessoas do campo, muito pobres, para quem foi difícil arranjar outro trabalho. Desde o 25 de Abril que estiveram a discutir os acontecimentos só entre eles, cada vez mais frustrados. Logo que veio o 25 de Novembro receberam toda essa propaganda contra os estrangeiros. Convencem-se de que desde que alguém é estrangeiro, é suspeito. Se for um jovem, e ainda por cima um jornalista, tanto pior.

Estou certo de que estavam brincando comigo até um certo ponto, mas tenho também a certeza de que até certo ponto estavam a sério. Tanta é a demagogia a que estão sujeitos.

Os dois polícias tinham 35 ou 40 anos. Talvez já estivessem na PSP há quinze anos. Tem por isso toda uma mentalidade que em nada mudou após o 25 de Abril. Mais ainda: nem sequer sabem como tratar estas questões. Dizem-lhes que os estrangeiros são comunistas só como justificativa para reprimir os comunistas aqui em Portugal. Assimilam os estrangeiros aos comunistas e portanto os comunistas aos estrangeiros para apresentar o comunismo como derivado de uma causa externa.

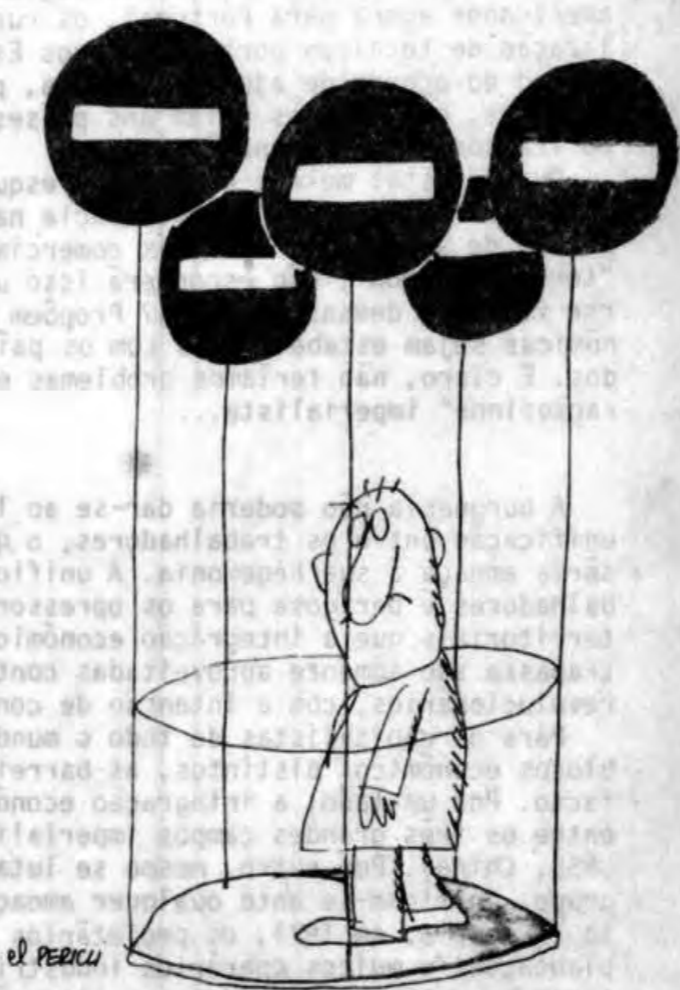
A história que chegou à embaixada do Canadá vinda da PSP dizia que eu tinha estado na Gulbenkian, que me chamaram e que, então, desatara a correr! Na es-

um comunista, vais para dentro do buraco. Agarrou na pistola e sacudia-a perto da minha cara -- *é um comunista!* -- esbofetou-me por toda a cara e atirou-me de encontro à parede. Agarrei nos meus olhos, que tinham caído, e perguntei: *Porquê? porquê?* E de novo o polícia magro afastou o gordo. Por duas vezes o gordo agarrou-me e bateu-me de encontro à parede. E por duas vezes que o magro c afastou.

Eu já estava ao pé daquele muro há cerca de vinte minutos, e os polícias tornavam-se cada vez mais loucos. Não havia nenhuma possibilidade de diálogo, não acreditavam em nada do que eu dissesse. Quanto mais tempo eu ali ficasse pior seria, mais selváticos eles se tornavam e mais perigoso e inconsciente se tornava o gordo. Tinha tentado dizer uma piada -- quando um me fez uma pergunta, peguei no dicionário e perguntei-lhe que palavra tinha dito. E ele: *fala português!*

Quando o gordo me agrediu pela segunda vez o magro decidiu que iam mudar de sítio. Andámos então em direcção ao muro. Nesse momento falavam entre eles, segredando: *comunista, espião,* etc. Perguntei novamente o que iriam fazer. Quando chegámos mais perto do portão pensei que iam levar-me para lá e virei-me na direcção do portão. Mas, então, eles levaram-me de novo em direcção às árvores. Pensei que daquela vez seria mais sério, porque se tornavam cada vez mais agressivos. Decidi então desatar a correr. Corri, saltei o muro. Consegui saltá-lo antes de que eles puxassem das armas. Continuei a correr. Eles chegaram ao muro e atiravam. Não sei se disparavam para o ar ou se faziam portaria para mim.

quadra, para justificar os tiros disparados, disseram-me que eu tinha dito aos polícias que era comunista, que estava a trabalhar para os comunistas portugueses. Os superiores perguntaram



aos dois polícias: *Como é que é isso, se eu tem aqui o cartão de jornalista?* Eles responderam: *Ah! Pensámos que estava a pôr bombas na Gulbenkian.*

O pior é a atitude hipócrita dos superiores. Cinco dias mais tarde tive uma entrevista com um major. Ele disse-me que não havia possibilidade de provar nada porque eles eram duas testemunhas e eu era só um. Percebi que ele queria dizer que o melhor seria calar a

Outros casos

O mesmo aconteceu com o Alain em Braga, naquele comício do CDS contra a reforma agrária. O Alain é um repórter fotográfico francês. As pessoas agararam-no, tiraram-lhe a máquina fotográfica, e atacaram-no. Durante 45 minutos a polícia não chegou. O governador civil pediu muitas desculpas: *sinto muito.* É uma frente dupla, acima os diplomatas, abaixo os executores. O Alain foi a uma conferência de imprensa do CDS em Lisboa. Perguntou se eles não se sentiam responsáveis pelo que havia acontecido. *Oh, sentimos muito!* Claro, como é um jornalista estrangeiro de um jornal conhecido, ajudá-lo-ão. Mas se fosse uma pessoa de esquerda, a primeira coisa que fariam seria pô-lo na prisão. Há um tratamento diferente.

Houve outros jornalistas estrangeiros atacados, quase todos de esquerda. Em Braga, do fotógrafo francês, que trabalha para uma grande companhia, chamaram-lhe cubano e acusaram-no de trazer uma arma -- a máquina fotográfica.

No dia 27 de Novembro, quando revistaram a herdade de Torre Bela pela primeira vez, havia um casal de jornalistas, que já lá tinha estado antes, e que decidiram passar por lá no fim de semana. Dava-lhes boleia um elemento da LUAR. Quando chegaram ao portão a PSP e a GNR estavam lá, com muitos médios agricultores. Esses pessoas atacaram a furgoneta e viraram-na de rodas para o ar. Eles ficaram com medo de se asfixiarem com os gases que estavam a entrar para o interior do carro e quiseram sair pelas janelas, mas as pessoas não os deixavam abri-las. A polícia estava lá e limitava-se a olhar. Finalmente, foram os soldados da Cavalaria de Santarém, quando chegaram, que os ajudaram, porque não eram fascistas. Também não eram de esquerda. Talvez fosse o que se chama soldados "moderados". Foram ao quartel da Cavalaria em Santarém, fizeram lá uma declaração, e depois saíram. Tentaram fazer publicidade a respeito deste caso; foram à embaixada dos Estados Unidos, onde lhes replicaram: *Vocês não foram atacados por serem americanos. Por isso não podemos fazer nada.*

Uns jornalistas americanos que estavam em Braga, no referido comício do CDS, queriam chegar à praça principal, onde eram os discursos. Então perguntaram-lhes: *Vocês são comunistas, são comunistas?* Eles disseram: *Não, somos jornalistas. Mas estão com a direita, estão com os comunistas? Não somos jornalistas. Vem outra pessoa e pergunta: Vocês são jornalistas? Sim. De que país? Dos Estados Unidos.* E foi logo: *Oh, pois com certeza, venham!*

Muitos exilados que trabalham aqui estão em situação desesperada. O pior é para os espanhóis, brasileiros e chi-

boca. O major disse ainda que os polícias chegaram a um tal estado de espírito que quando se zangam *é muito difícil controlá-los.* Desculpou-se mais ou menos: *Sinto muito o que aconteceu. Se quiser queimar-se, pode fazê-lo.* E substituiu-me os jornais.

Na cúpula há pessoas que se mostram muito amáveis, que se desculparam muito, e as pessoas que estão abaixo, que são os seus agentes, são responsabilizadas pelas arbitrariedades.

lenos, que não podem voltar para os seus países. Muitos foram já ameaçados de serem entregues aos países de origem, onde seriam presos quando chegassem.

Num dado centro cultural há muitos espanhóis emigrados a trabalhar. Uma inglesa trabalha lá também, no serviço de saúde. Um dia a polícia passou lá uma busca. Tem um esquadro especial para isso, com 30 PSP. Quando lá chegaram, todos os estrangeiros tinham passaportes, com excepção da referida inglesa -- tinham-lho apreendido em Espanha quando lá esteve por muito tempo. Ela então foi para o telhado para que a polícia não a achasse sem passaporte. Não teriam dado com ela se não fossem umas empregadas do hotel lá, que fica vizinho, que a denunciaram à PSP. Levaram-na então para a esquadra e deram-lhe um prazo de quinze dias para arranjar outro passaporte. Mas ela teve que deixar Portugal porque a embaixada inglesa não lhe dava passaporte; discorria ao trabalho que ela cá fazia -- trabalhava em problemas de saúde e de contracção.

Pouco depois, a polícia passou nova busca, à procura de espanhóis. Um dos espanhóis começou a ter alucinações sobre torturas em Espanha. Julgava que estava a ser torturado pela Guardia Civil e várias coisas desse género.

Muitas pessoas desse centro cultural foram para França porque era perigoso para elas permanecerem aqui. Pessoas que foram para Espanha depois de terem estado em Portugal foram interrogadas pela Guardia Civil.

Há ainda o caso da "Comuna de Cronstadt" (Nota nossa: trata-se de uma casa ocupada onde viviam sobretudo estrangeiros. O seu nome constitui uma homenagem à insurreição de Cronstadt,

cidade russa, em 1921, que lutou contra o capitalismo de Estado que então se consolidava na URSS.). A primeira vez foi a PSP que lá passou uma busca. Acho que ninguém foi preso. Mas da segunda vez foi revista pelos comandos. Diz-se... Mas eu não tenho a certeza... Não posso acreditar... Mas diz-se que violentaram uma renina de 15 anos.

Uma pessoa presente à entrevista -- Não foi violentada porque um rapaz espanhol que lá estava reagiu, dizendo que antes de fazerem isso teriam que o matar. Mas chegaram a despir completamente a moça.

O camarada canadiano continua -- A casa foi completamente saqueada, completamente revirada. A maioria das pessoas que lá morava teve de se mudar.

Acima de tudo, há o caso do jovem alemão assassinado em Custóias. A versão da polícia foi muito confusa. Primeiro disseram que tinha dois passaportes, depois disseram que não possuía nenhum. Queriam criar a confusão, fazer crer que a

sua estadia neste país era ilegal. Ele esteve durante algum tempo a trabalhar em cooperativas. A polícia fez tudo para fazer crer que as pessoas que estavam em Custóias não eram familiares dos prisioneiros, que eram agitadores es-

trangeiros a organizar esta manifestação. Justificaram a sua morte dizendo: *Ele é estrangeiro.* Isto já antes vinha a acontecer. Diziam sempre que eram agitadores estrangeiros que provocavam tudo.

APOIEMOS

AS COOPERATIVAS AGRICOLAS

As cooperativas agrícolas da zona da Azambuja (Torre Bela, Ameixoeira, Marquesa, Vale de Mouro - Aveiras de Cima, comercializam agora os seus produtos através de uma cooperativa para o efeito formada. Seguidamente transcrevemos para todos os que estiverem interessados os principais produtos que ali se vendem, com os respectivos preços, bem como a forma de estabelecer os contactos.

Lista dos produtos para venda imediata nas Cooperativas da zona da Azambuja

TORRE BELA	Vinho 8500 litro
	Milho 5\$00 "
AMEIXOEIRA	Queijos 45\$00 quilo
	Cabritos 75\$00 " (vivo)
	Nabos
	Cebola 7\$00
	Limões 10\$00
	Laranjas 6\$50
MARQUESA	Couve portuguesa
	Nabos
	(também arranjam vinho e azeite)
VALE DE MOURO - AVEIRAS DE CIMA	Lombardos 4\$00 quilo
	Nabiças de nabo 2\$50 o molho (pequeno)

A comercialização destes produtos passará a ser feita pela Cooperativa de Comercialização da zona da Azambuja.

Para todos os contactos: * Joao Castanha (053)45126, em Aveiras de Cima, ou * Comissão Liquidatária do Grémio da Lavoura da Azambuja.

A OMNICOOPER (Av. Vandendriessche, 1150 Bruxelles, Bélgica) é uma organização em projecto, com a finalidade de proceder à compra directa de produtos das cooperativas e empresas em autogestão para vender na Bélgica e outros países europeus.

Todos os interessados podem dirigir correspondência para a morada acima indicada.

Editorial

(continuação da pag. 3)

Apesar de todas as barreiras existentes, as ligações internacionais entre os trabalhadores terão de continuar. Aquelas que se processam hoje são ainda insuficientes e, sobretudo, dão-se na esfera de partidos -- organizações hierarquizadas e burocráticas -- a nível de cúpula, o que quer dizer que muito pouco ou quase nada se vê de ligação directa entre trabalhadores. O essencial seria a unificação das lutas na esfera autónoma, porque os contactos entre partidos permanecem fechados a nível de partidos e não se alargam às massas trabalhadoras.

Nós notámos, entre os grupos que dizem deferir a luta autónoma dos trabalhadores e que por vezes se correspondem com o *Combate*, uma quase única preocupação: a discussão de conceitos teóricos, em geral de modo idealista e independentemente das experiências actuais da luta proletária, sobretudo com o objectivo, não de divulgarem praticamente as novas formas de organização social que os proletários em luta criam, mas de difundirem o seu próprio grupo político, considerado como o depositário de receitas teóricas sem o conhecimento e o estudo das quais o proletariado não se salvaria.

Quando esses grupos publicam textos do *Combate* são, salvo raríssimos casos, os editoriais. Quase não existem os grupos que, no estrangeiro, publiquem textos dos trabalhadores ou entrevistas, o que seria quanto a nós a parte do jornal

Recebemos de um camarada sueco uma carta de que passamos a transcrever as partes informativas sobre a luta operária naquele país.

CORRESPONDÊNCIA

19 de Janeiro de 1976

Camaradas:

Na vossa última carta perguntavam algumas coisas. Primeiramente, "o que tem acontecido nas fábricas Volvo?" Praticamente, quase nada. A Volvo não foi atingida pela crise internacional antes de 1975. Só recentemente a Volvo começou a diminuir a produção. Volvo é a sexta empresa industrial sueca (quanto ao número de empregados, em 1973 havia 42.000 na Suécia e 15.000 no estrangeiro) e é uma indústria exportadora muito importante. Apesar de a social-democracia (SAP) e os sindicatos (inteiramente controlados por ela) terem tentado manter estacionários os salários dos trabalhadores nas indústrias exportadoras, que estão em expansão, estes trabalhadores conseguiram ter os seus salários aumentados. Mas já lá vão alguns anos desde que não há uma greve selvagem na Volvo.

Em geral, a Volvo é uma empresa muito expansiva. Por exemplo, o número dos seus empregados aumentou de 18%, anualmente, entre 1963 e 1973. Em Götterberg a maior fábrica é a Torslandaverken, que é uma tradicional fábrica de montagem. O rendimento dos trabalhadores era aí muito elevado, e foi fácil para diferentes grupos de esquerda levar a cabo alguma

acção política nesta fábrica. Mas foi infrutífera: não houve acções de massa ou greves devidas às várias seitas de esquerda. Os trabalhadores não se interessaram pela "mensagem". Especialmente *Förbundet Kommunist* (similar ao MES e PRP-BR) trabalhou duramente para formar uma "comissão de trabalhadores". Distribuíram um jornal chamado *Volvo Arbetsaren* em duas línguas (sueco e finlandês). Penso que neste momento não são muito activos na Volvo.

Entretanto está a surgir outro grupo, que deposita as suas esperanças nos sindicatos. É o *Kommunistiska Arbetsförbundet (KAF)*, membro da IV Internacional trotskista, facção Mandel (como a LCI em Portugal; nota nossa). Procuram obter lugares no sindicato; tiveram um sucesso limitado. O engraçado é que os trabalhadores não ligam nada aos sindicatos. Nas eleições sindicais, somente cerca de 10% dos trabalhadores se preocupou em participar.

De maneira geral, não penso que os sindicatos, no sentido tradicional, possam ser usados pela classe trabalhadora na sua luta pelo comunismo. Isto é ainda mais verdade na Suécia, visto que os sindicatos aqui são extremamente centralizados e burocratizados, bem como integrados no aparelho de Estado.

O que pensam vocês acerca dos sindicatos? Por vezes acho difícil fazer uma distinção marcada entre "sindicatos" revolucionários (tipo *International Workers of the World, IWW*) e a organização que nascerá da luta autónoma da classe, isto é, os conselhos de traba-

mais importante para se conhecer o estado de organização, as formas de luta e a consciência dos trabalhadores portugueses, bem como para desenvolver internacionalmente tais formas de luta. Quase dois anos de correspondência tem-nos convencido de que estas organizações confundem o mundo gigantesco da luta das classes com o microscópico mundo da luta das organizações.

Desde o início deste jornal que procurámos que grupos e camaradas que noutros países desenvolvem um trabalho semelhante ao nosso unam os seus esforços para a ligação das lutas, através da informação e do contacto directo entre os trabalhadores. (Um exemplo: Ainda recentemente trabalhadores da Timex disseram ser-lhes difícil entrarem em contacto com trabalhadores daquela multi-nacional noutros países, pois que por contacto telefónico não obtinham contacto directo com os trabalhadores, mas com os patrões que boicotavam tal contacto.)

Não seria fácil a grupos que pretendem dinamizar a luta dos trabalhadores obrar no sentido de possibilitar esses contactos? Quantas vezes trabalhadores duma mesma multinacional em diversos países nada sabem de uma luta que se está a passar noutro país, numa empresa particular dessa multinacional? E quantas formas directas de ligação poderiam ser dinamizadas por grupos que se dedicam unicamente às disputas académicas?

Não queremos com isto dizer que não consideramos importante a discussão de questões teóricas, que poderá ser enriquecida com práticas bastante diferentes como são as de lutas em diferentes países. Mas, em nosso entender, a plataforma de união do proletariado revolucionário são as formas de organização que se desenvolvem na luta autónoma e a consciência que a partir daí se gera, e não um ou outro sistema ideológico individual em jogo nas disputas teóricas.

Quanto a nós, o mais importante é contribuir para que se estabeleçam formas práticas de luta que rompam as fronteiras, que levem os trabalhadores a estabelecer ligações directas na luta comum contra o capitalismo.

lhadores e soviéticos.

(... ..)

Vocês queriam também informações sobre algumas firmas. Ambas, Eriksberg e Kockums, são grandes indústrias de construção naval. Até há poucos meses, Eriksberg era propriedade de *Broströmkoncernen*, mas faliu e foi comprada pelo Estado. Em Götterberg há dois grandes estaleiros, Eriksberg e Götterberglan (propriedade de *Salénkoncernen*). Agora, com a crise mundial, estes dois estaleiros unificaram-se. O Estado possui agora 51% das acções na Götterberglan. Provavelmente Eriksberg será fechado num futuro próximo. Isto significa que o Estado controla agora três dos quatro grandes estaleiros (Uddevala, com 3.300 empregados em 1973; Götterberglan, com 11.000 empregados em 1973; e Eriksberg, com 6.000 empregados em 1973). O grande estaleiro que ainda permanece em mãos privadas é Kockums (propriedade da família Kockum), com 6.700 empregados em 1973.

Além disto, não sei muito mais a respeito destes estaleiros.

Houve uma greve selvagem há alguns anos na Götterberglan. Foi derrotada e a sua responsabilidade foi atribuída aos jornais burgueses a um grupo maoísta, *KFML(r)*. Alguns dos seus membros foram despedidos e colocados na lista negra.

Há algo interessante na Kockum: há lá um grupo do *IWW*. (... ..)

Se quiserem mais informações específicas, fico satisfeito se puder ajudá-los.

Fraternamente,
K.

markimage

Publicámos no último número uma carta que nos foi enviada pelo Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa, sem data mas com carimbo de 22 de Janeiro, em que se apela para a solidariedade com Paulo Huet Bacellar, refugiado chileno e trabalhador na Markimage, há vários meses suspenso e submetido a inquérito.

Recebemos agora, danão uma versão contrária do mesmo assunto, uma carta

assinada Trabalhadores da Markimage. Tal carta consiste, aliás, na fotocópia de uma carta enviada ao Diário de Notícias em 10 de Novembro de 1975, repudiando a publicação por esse jornal de parte de uma carta de Huet Bacellar.

Assim, a carta assinada Trabalhadores da Markimage não refere especificamente a carta que publicámos, assinada pelo Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa, embora o assunto em questão seja evidentemente o mesmo.

Publicamos em seguida a carta assina-

nada Trabalhadores da Markimage. Como nos parece que o assunto permanece controverso, estamos abertos a outras explicações que nos queiram dar sobre este assunto.

Os trabalhadores da Markimage leram no *Diário de Notícias* de 5/11/75, pag. 7, um ataque feito à Agência pelo Sr. Paulo Huet Bacellar com o título: *Markimage boicota profissionalmente delegado sindical*. Este ataque é mais uma tentativa do dito Sr. em destruir os nossos
(cont. na pag. 7)

(continuação da pag. 6)

postos de trabalho, ambicionando, como declara, a "falência da empresa". Contra este ataque, declaramos que o Sr. Paulo Huet Bacellar:

- É mentiroso:

O Sr. Paulo Huet Bacellar mente quando se auto-designa delegado sindical. Foi destituído em Reunião de Trabalhadores, realizada em 21/3/75 no Sindicato dos Escritórios, com a presença dos representantes da Direcção do Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, José Manuel de Almeida, e da Comissão Instaladora do Sindicato dos Publicitários, José Manuel Picao de Abreu. O Sr. Paulo Huet Bacellar assinou a carta em que foi destituído (fotocópia junta).

- Não trabalha:

O Sr. Paulo Huet Bacellar não trabalha. Em reunião de trabalhadores declarou que "não trabalhava pois estava aqui para roubar o patrão". Assim, trabalhadores ficam sobrecarregados com o trabalho que a ele competia fazer.

- É explorador:

O Sr. Paulo Huet Bacellar é um explorador do trabalho alheio. Mensalmente recebe da agência 10 mil escudos. Sem produzir nada.

- É sabotador:

O Sr. Paulo Huet Bacellar é sabotador. Fez gorar uma tentativa de reconversão da agência, provocando, para o efeito, uma divisão de trabalhadores. Sugeriu-se nessa altura para Director-Geral, "pois tinha um curso de contabilidade".

- É divisionista:

O Sr. Paulo Huet Bacellar é divisionista, tendo tentado (e várias vezes conseguido) lançar os trabalhadores uns contra os outros. Dos problemas por ele criados, tem obtido a notoriedade que procura, como declarou, fazendo publicar na imprensa a sua versão. Tem por este meio caluniado trabalhadores.

- É oportunista:

O Sr. Paulo Huet Bacellar é oportunista. Decisões tomadas em reunião de trabalhadores são por ele sistematicamente traídas quando isso lhe convém.

- É provocador:

O Sr. Paulo Huet Bacellar é provocador. Além dos insultos a trabalhadores atrás referidos, procura sempre dar a ideia de que os trabalhadores da Markimage estão mancomoados com a Direcção e agem como lacaios dela. Repudiamos vivamente esta manobra reles do Sr. Paulo Huet Bacellar.

O Sr. Paulo Huet Bacellar criou um grupo a que chamou Minoria de Esquerda da Markimage (MEM) com um trabalhador que a curto prazo o abandonou. É patente a provocação contida na designação deste grupo.

- É suspeito:

O Sr. Paulo Huet Bacellar não tem, como facilmente se deduz, a confiança dos trabalhadores da Markimage. O seu comportamento não faz com que o consideremos um camarada de trabalho, nem sequer um trabalhador. Indivíduo que publica desejo a destruição de postos de trabalho tem de ser considerado suspeito.

- É indesejado:

Tendo os trabalhadores da Markimage sido informados do processo disciplinar que a direcção da Agência instaurou ao Sr. Paulo Huet Bacellar, declaram que, independentemente dos resultados da Comissão Disciplinar Mista, recusam ter de novo nos seus postos de trabalho este explorador indesejável.

Lisboa, 10 de Novembro de 1975.

VIVER NA RUA

(continuação da pag. 8)

COMBATE - Vamos lá a ver: Esta parte do prédio é vossa, é para vós. Quem é que disse que isto ia ficar assim, com estas cores, estas coisas. Quem é que decidiu? Foram vocês ou foram os mais velhos?

Vários - É mas é assim: as educadoras pedem para a gente ajudar, e às vezes ajudamos e às vezes não ajudamos.

COMBATE - Então quem é que manda nesta parte vossa?

Vários - São as educadoras é que mandam, quem é que haveria de ser?

COMBATE - Se isto é vosso, se é para vós, não acham que vocês é que deviam decidir o que querem fazer e como é que se há-de fazer?

Vários - Ai a gente se quer pintar pinta, se não quer não pinta. As educadoras são... As educadoras querem mas é



contázar

são abraçar os grandes e ontem (vai fechar a porta) os grandes pintaram uma mulher nua na parede e fecharam a porta e não deixam nos entrarmos lá. Uma educadora que está cá, essa abraça-nos, mas as outras é só mas é os grandes, a nós pouco; e os grandes querem é bater-nos, mas isto não é para eles, é para nós...

COMBATE - Bem, esses grandes são muito grandes? Que idade têm?

Vários - São grandes, são. Uns têm para aí uns 13 e outros tem 14 anos.

COMBATE - Então vocês têm de resolver este problema, mas como é que vão fazer?

Voz - Está ali o senhor do folclore!



NOTA FINAL

- 1) Nesta "educação" de cimento e tijolo que se reproduz? A solução encontrada pelas classes dirigentes no sentido de "resolver" o problema daqueles que tendo de trabalhar deixam de ter tempo para viver/conviver com os que um dia (muito cedo) terão de deixar de viver para trabalhar?
- 2) Qual será o significado e o resultado prático de uma "educação" dos filhos dos bairros por educadores-educados-para-educar?
- 3) Qual a participação dos camaradas

mais novos na organização das Associações, particularmente da parte que lhes é destinada?

4) Qual a participação dos camaradas mais novos nas lutas colectivas dos bairros? Por exemplo, nas ocupações, nas manifestações de moradores, etc...?

5) Para onde vai a capacidade de organização, de luta, de subversão, que por vezes nos permite ser chefe de um "bando de delinquentes" aos 10 ou 12 anos?

6) Esta "educação", esta "solução", aniquila a sua capacidade de organização, de luta... ou permite-lhe uma real expressão?

7) Qual a relação entre elementos das comissões-camaradas mais novos--técnicos? Igualitária? De dependência...?

8) A família, a pirâmide, a hierarquia, a educação, as escolas, as igrejas, os pais, os padres, os chefes, os nossos dirigentes, os professores, educadores... e mais a sua linguagem, tão distante da deles, são mais, sabem mais, falam melhor até do que os nossos pais! ...e as fábricas? e os contramestres, os mestres, os patrões-padres-pais- os nossos chefes-estas pirâmides / parte-se-lhe os queixos ou terão de dizer obrigado?

ATENÇÃO

Com a recente subida das tarifas dos CTT, que acarretou um aumento de 45% nos custos das nossas expedições, somos obrigados a elevar o preço das assinaturas (principalmente no que diz respeito ao estrangeiro).

Atualizamos também as assinaturas nacionais, por ainda o não termos feito após os anteriores aumentos das avenças.

Pedimos aos assinantes cuja assinatura terminou (e a quem aliás já foi enviada uma carta no mês passado) que procedam rapidamente às renovações. Se durante o próximo mês não for feita a renovação, nem nos for enviada qualquer carta explicativa, seremos obrigados a deixar de enviar o jornal.

Pedimos às pessoas e organizações que no estrangeiro não tenham realizado o pagamento da respectiva assinatura que o façam também segundo as indicações abaixo apontadas. Só poderemos enviar gratuitamente o jornal nos casos de permuta e para centros culturais e bibliotecas populares que nos tenham pedido previamente.

Camaradas: o aumento das avenças e dos portes de correio destina-se, entre outras coisas, a tornar ainda mais difícil a existência dos jornais revolucionários. Se achas que jornais como o **COMBATE** devem continuar, ajuda-nos a prosseguir a nossa luta.

QUERO ASSINAR O COMBATE DESDE O NV ...

- 1 ano (26 números) 96\$00
- 6 meses (13 números) 48\$00
- Apoio (anual) 120\$00 mínimo
- Europa (anual) 212\$00 por avião
- USA (anual) 264\$00 por avião
- Angola (anual) 216\$00 por avião

QUERO VENDER ... EXEMPLARES DO COMBATE

Junto envio\$...
(Todos os cheques e vales devem ser enviados em nome do director)

VIVER NA RUA, VIVER NO CIMENTO

A entrevista que a seguir transcrevemos foi efectuada na Associação de Moradores de Massarelos. Fomos ali numa tarde de sábado com a intenção de entrevistar alguns dos frequentadores daquela Associação. Verificámos então que a maioria dos seus frequentadores tinha idade inferior aos 14 anos. Por outro lado apercebemo-nos de que grande parte do trabalho que ali se realiza visa directamente os mais jovens. Daí parecer-nos importante dar a palavra a estes, permitindo assim que exprimam os seus pontos de vista, as suas experiências, as suas aspirações.

Quando da gravação prometemos transcrever -- como de resto é nosso método de trabalho -- integralmente o que dissessem e como o dissessem. É esta promessa que hoje não conseguimos cumprir. De facto, o que a seguir transcrevemos não são mais do que passagens dessa entrevista. O mau funcionamento do nosso gravador e o facto de os entrevistados, regra geral, falarem mais de 4 ou 5 ao mesmo tempo, impedem-nos de transcrever integralmente a gravação.

As questões discutidas são, quanto a nós, de extrema importância. Da conversa que tivemos (mais do que daquilo que conseguimos transcrever) ficam-nos desde já muitas interrogações -- são algumas delas que constituem a Nota Final que se segue à entrevista.

Que outros camaradas, independentemente da sua idade, analisem estas e outras questões e transmitam as suas experiências, as suas conclusões. Que se faça ouvir a voz dos que lutam, seja qual for a sua idade, e não daqueles que "lutam por nós". De resto, é este o nosso Combate.

"Brincávamos na rua ...escola e casa"

Paula - Agora falo eu, tenho 8 anos.
Olinda - E eu tenho 11.

COMBATE - Vamos ver se não falamos todas ao mesmo tempo, senão não nos entendemos.

Olinda - Esta está é cheia de medo.

Peres - Eu sou o Peres. Tenho 11 anos e vou a caminho da terceira.

Olinda - Isto é para o "Notícias"?
Eu quero é falar para a televisão; vou dizer que esta obra é muito boa para as crianças.

COMBATE - Vocês andam sempre aqui pela Associação? Contém lá o que fazem por cá e o que faziam antes de haver Associação.

Peres - Fala só um de cada vez. Ninguém esteja aqui como na igreja a dizerem todos amém, amém, amém.

Paula - Brincávamos na rua... escola e casa...

Peres - Eu ia para a rua, atrás dos eléctricos, e jogar a bola...

COMBATE - Agora já não vais atrás dos eléctricos, já não gostas?

Peres - Desde que este caíu e ficou desmaiado tenho medo, agora tenho é medo.

Olinda - Tens medo mas é do teu pai.

Peres - Mas um homem tem coragem, tem sempre coragem; eu já matei três ratos.

COMBATE - Vocês agora já não brincam na rua, é?

Olinda - Eu não. Agora venho é para aqui.

COMBATE - E o que é que fazem então cá?

Vários - Fazemos desenhos... eu gosto é de jogar a bola, matreços, fazer ginástica... fazer desenhos...

Pouco barulho, assim nem se ouve nada! É mas é todos a berrarem.

... e molhamo-nos, gosto de nos molharmos...

COMBATE - E filmes, têm visto?

Vários - Já vimos, já... o Bonanza... já vimos três filmes, desenhos animados, o Mickey e o Charlot... e vimos um teatro...

COMBATE - Fizeram um teatro?

Vários - Não, mas vamos fazer um. Fizemos já um quando fomos à Serra... Eu

"Os grandes não nos deixam fazer nada. As educadoras não lhes ralham a eles"

Vários - Os mais grandes não nos deixam fazer nada, nem jogar à bola nem nada, e as educadoras não ralham a eles, é só a nós, é tudo mas é só para eles... Ainda levamos porrada...

COMBATE - De quem?

Vários - Dos grandes... Da porrada, dão...

COMBATE - Eles são mais do que vocês?

Olinda - Eles são iguais a nós.

COMBATE - Que idade é que tu tens?

Peres - Tenho 11; eu já trabalho de picheleiro, já ganho dinheiro...

COMBATE - Quando é que começaste a trabalhar?

Peres - Para aí em Outubro, ou então em Novembro. Já fiz muitas coisas. Arranjei o telhado desta e fiz coisas de electricista. No telhado desta subi lá cima e arranjei-o e ninguém se acreditava que fui eu.

COMBATE - Que é que dizes desse trabalho que fazes? Sentas-te um homem, é?

Peres - É conforme, às vezes um homem, às vezes sinto-me mais criança. Mas faço trabalho que alguns homens não fazem. Subo aos beirais e não malho cá em baixo.

era o rapaz sério. Era assim: Olá Maria, olá Manel, tu tens umas pernas bonitas, e ela: isso é que sou... isso é que não... E cantávamos assim:

Estando eu à porta sentado,
Estando eu à porta sentado,
Todos a dormir e só eu acordado,
Entretanto passa uma menina
Toda decotada e perna morena,
Alevanto-me e vou atrás dela,
Deu-me um estalo, menina donzela,
Que é que você quer seu grande atrevido,
Já sou casada, já tenho marido.

COMBATE - Quem é que vos ensinou essa canção?

Vários - Foi no Natal.

COMBATE - Calma. Isso foi no teatro que vocês fizeram?

Peres - Eu gostava mas é de fazer em público para a gente ganhar uns tostões e caçar umas raparigas...

COMBATE - Quando vocês se chateiam uns com os outros como é que se resolve a coisa?

Vários - Andamos sempre à porrada... De vez em quando anda mas é uma para cada lado...

COMBATE - Quanto ganhas? É para ti o dinheiro?

Peres - Conforme, às vezes 50\$00, mas dou a minha mãe. Às vezes dá-me umas croas e vou ao cinema. Eu já vou ao cinema sozinho.

COMBATE - Vocês aqui na Associação têm muita coisa arranjada. Paredes pintadas, o chão arranjado, isto deve ter dado muito trabalho. Vocês é que fizeram isto?



Vários - Nós ajudamos. Às vezes fazemos e este lindo serviço (mostram uma parede suja)... Mas nós também ajudamos.

(cont. na pag. 7)

INTERNATIONALISM, THE COMMUNIST STRUGGLE AND POLITICAL ORGANISATIONS.

The practice of internationalism is indispensable for the communist struggle.

This practice is not restricted to international solidarity between workers. It has implications for the unification of struggles on the economic level and for social organisation. What is important is that the struggles extend and overtake the capitalist barriers in order to smash them. In certain cases, struggles may develop a lot in just one country, that is, it reaches forms of organisation which are very advanced, without depending in its first phase, on the struggles in other countries. Communistic social forms can be created for a while in certain particular cases, without the society as a whole having reached them and having transformed the mere social forms into effective communist economical organisation. Revolutions are not made in just one day and their rythms are different, as much internally as externally. The international unification of sectors which are more advanced would contribute to accelerate the rythm of all the struggles for communism. Many struggles degenerate because, not having left the national orbit, they have no possibilities to organise economically the new social forms which brought them into being.

It is so in Portugal, that those companies which are under self-management and depend solely on the national market can last out for more time, by creating extra-capitalistic circuits which result directly from the solidarity of the workers. Those which depend on the external market can never resort to these circuits and, because of this, stop short. To break definitively with the capitalist system of production and to advance to communism the struggles have to extend outside the national frontiers and to unite.

Certain 'left-wing' groups who protest against the foreign loans to Portugal seem to ignore the logic of capitalism. If there is capitalism obviously there will be loans; no barriers exist, territorially, when the reinforcing of the capitalist system is involved. For example, in the sphere of the EEC the frontiers of one country already have no economic significance and will shortly lose their political and administrative significance; the country is substituted by a group of countries forming a larger block and enlarging the barriers correspondently. This exists because of the levels of capitalist development. Sometimes, the less developed countries can take advantage of certain monopolies of raw-materials in relation to the others, which is the case of OPEC.

The exchange of technicians also follows the same logic. The Americans now in Portugal, the Russians before. The specialisation of the Portuguese technicians in the United States as a part of the economic aid, And, as a little while ago, the technicians would have gone to the Eastern countries. Sa Carneiro (leader of PPD) is going soon to sound out the feeling in China.

When these leftist groups oppose the foreign loans and support national independence and say that the solution is in commercial relations with the 'third world', are they not hiding an intention of gaining an advantage from these relations? They propose that the economic relations be mad with the less-developed countries. And clearly there is no likelihood of exercising just a teeny bit of imperialism...

2..

The bourgeoisie couldn't afford the luxury of agreeing to consent to the unification of the workers, which represents a serious threat to their hegemony. The unification of the workers' struggles is dangerous for the oppressors. In this way the territorial barriers which the capitalist economic integration has overtaken are used against the proletariat and revolutionaries with the aim of containing their struggles.

For the world capitalists, even if they are divided into distinct economic blocks these barriers do not exist. In the first place the economic integration between the three great imperialist camps (USA, Russia and China) is becoming greater all the time. Secondly, although they struggle for the interests of the group, they unite against any threat to the capitalist class. (Example: in 1971 the agricultural proletariat of the great plantations and many industrial workers in Ceylon revolted against the state and the exploitation of the dominant class. The repression was terrible. The governors themselves announced in May 1971 that there had been over 5000 deaths and in April of the following year they declared that there were some 11,000 prisoners. Countries which sent arms and technicians or funds with which the government carried out this repression: India, Great Britain, Yugoslavia, Russia, Canada, German Federal Republic, German Democratic Republic, China). For the exploiters it served as a basis for their unification. And the exploited had to be divided.

Maintaining the proletariat ignorant of the problems of their comrades in other areas capitalism wants to make it difficult for this proletariat to critically perceive their existence as a class totality. By reinforcing regionalism they make it so that struggles are localised in particular areas, are isolated and do not become part of the totality. For this, regional groups and nationalist groups are used against the unification of the workers.

The bourgeoisie make use of nationalism when they want to. The frontiers must be opened to resolve their problems, when there is a necessity for labour, for example. Thus, come immigrants. The discrimination is shown in the type of control exercised over them but also in the type of work which is reserved for them; they are preferably the street cleaners, rubbish collectors, sanitary workers, night workers. Here in Portugal they are the Cabo-Verde workers, in England they are the Indians, Africans and also the Portuguese, in France they are the Portuguese and Algerians and Tunisians; in Germany the Turks and the Yugoslavs.

The unions, bureaucratized and reformist, have the function of managing the labour force for capitalism, and for this they use a different set of statutes for immigrant workers, defending the right to work for the 'nationals'. In this way they make immigrant workers feel the brunt of unemployment first and avoid problems for the capitalists in these countries who can send these workers back to their countries of origin; -as can also the Governments, who are never elected by foreign workers.

In the present moment, the scene deteriorates with the generalisation of the capitalist crisis the capitalists are no longer interested in foreign labour because they can make use of the national unemployed for the tasks which are said to be 'inferior' and traditionally reserved for the immigrants. Thus develop, parallel to the government policies of limiting immigration, organisations of a nazi type, supported by certain economic interests and carrying out nationalist campaigns against the immigrants. Racism is reinforced by the dominant class because it comes down on the natives of the less powerful blocks, reflecting itself even in the attitudes of the working class of the countries which are more developed in relation to their immigrant comrades.

3...

The governments are conscious that the most exploited are potentially the most combative and within this same politics of division is found the granting of privileges for some and hardships for others and thus look for allies, in this case the 'nationals'.

There are certain cases in which the immigrants have struggled and only receive the support of the nationals when success was certain.

---***

Within the same intention of containing struggles, we witness the repression against foreign revolutionaries, particularly in the Portugal of today.

The foreigners who are here and are persecuted are not those who are found in the Hotel Ritz, obviously, nor own villas in the Algarve. For these the doors are open, they are the 'desirables'.

Looking for a justification for this persecution they try to find foreigners in an 'illegal situation': thus in an eviction in Prazeres (a borough of Lisbon -translated Pleasures) they preferred to arrest the foreigner who was found there. O Comercio de Porto supported the murder in Porto "Undesirable foreigners involved in the events of Custodias" (Northern military prison). In the media it is necessary to paint them as irresponsible and disturbers of the 'order' -"unorderly freaks".

Yes, freaks to the bourgeois world.

At the moment, the struggles of the workers seem restricted to the national spheres. If we look at the history of the workers movement we see epochs with more international development, for example during the last century and at the beginning of this one. Why was it that when the bourgeoisie was completely 'nationalist' and the inter-capitalist integration reduced, that there was a greater international proletariat?

In spite of all the existing barriers the international relations between the proletariat must continue. Those which exist today are as yet insufficient and above all, are made within the sphere of political parties -hierarchical and bureaucratic organisations -at the level of the elites within the parties, which means that very little or nothing exists in terms of direct relationships between workers. It is essential to unite the struggles at the autonomous level, because the contacts between parties remain closed within the parties and do not spread out to the masses of the workers.

We note, for example, that for the groups who claim to defend the autonomous struggle of the workers and which sometimes write to Combate there is almost only one worry; the discussion of theoretical concepts in general in an idealistic way and independent of the real experiences of the proletarian struggles, above all, with the object not of publicising the new forms of social organisation which the proletariat in struggle have created, but of publicising their own political group, considered to be the trustees of theoretical recipes without the knowledge and the study of which the proletariat cannot be saved.

When these groups publish texts from Combate they are, with a few exceptions, the editorials. Groups abroad who publish the texts of the workers, or interviews, hardly exist and this is, for us, the part of the newspaper which is most important to know the state of organisation the forms of struggle and the consciousness of the Portuguese workers, as well as developing these forms of struggle internationally. Almost two years of correspondence has convinced us that these organisations confuse the gigantic world of class struggle with the microscopic world of the struggles of organisations.

...
From the beginning of this movement we have sought that groups and comrades in other countries who have a similar practice to ours should unite their forces in order to set up relationships between the workers. (One example; very recently workers of TIMEX said that it was difficult to enter into contact with workers of that multi-national in other countries because by telephone they didn't receive workers at the other end of the line but the bosses who boycotted such a contact).

Would it not be easier for the groups who attempt to dynamise the struggle of the workers to work in the sense of making these contacts possible? How often is it that the workers in the same multi-national in various countries know nothing about the struggles which are taking place in other countries, or in a branch of the multi-national? And how many direct contacts could be dynamised by groups who dedicate themselves solely to academic questions?

We don't want to say that we don't consider the discussion of theoretical problems important, or that these couldn't be enriched by different practices of struggles in different countries. But, in our understanding of it, the platform for the unity of the revolutionary proletariat lies in the forms of organization which are developed by the autonomous struggle and the consciousness which arises from this, and not in one or another individual ideological system dealing with theoretical disputes.

For us, it is more important to contribute to practical forms of struggles which break down the frontiers and which allow the workers to establish direct relations in the common struggle against capitalism.

(SUPLEMENTO AO "COMBATE" Nº 36)